

## PAISAGEM DA MEMÓRIA Não é cova grande, é cova medida

LANDSCAPE OF MEMORY  
*It's not a big grave, it's a measured grave*

Lorena Maia Resende<sup>1</sup>

### Resumo

A paisagem da memória deste ensaio tem como tema a morte, mais especificamente a política de morte – necropolítica. A partir de camadas sobrepostas e independentes a escrita resgata a experiência da observação flutuante no cemitério Ecumênico São Francisco de Paula na cidade de Pelotas, no ano de 2017. Mas, é a partir de uma releitura contemporânea, associada a múltiplas e diversas fontes, como a poesia, a música e a filosofia que essa paisagem adquire outro formato, mais crítico e provocativo. A cidade dos mortos, embora pareça estática, nos revela em suas entranhas as dinâmicas de crueldade e desigualdade arbitrada pela cidade dos vivos.

Palavras-chave: paisagem da memória, observação flutuante, necropolítica.

### Abstract

*The memory landscape of this essay has death as its theme, more specifically the politics of death – necropolitics. From overlapping and independent layers, the writing rescues the experience of floating observation at the Ecumenical Cemetery São Francisco de Paula in the city of Pelotas, in the year 2017. But, it is from a contemporary rereading, associated with multiple and diverse sources such as poetry, music and philosophy that this landscape acquires another format, more critical and provocative. The city of the dead, although it seems static, reveals in its depths the dynamics of cruelty and inequality arbitrated by the city of the living.*

*Keywords: memory landscape, floating observation, necropolitics.*



### A entrada pelo meio: travessia entre tempos e lugares

A paisagem da memória deste ensaio adentra a cidade de Pelotas/RS e carrega o tema “morte e vida” ao encontro do poeta João Cabral Neto. “Há muitos Severinos”; no entanto, cada um é único e importa. Histórias e memórias de vida que são sempre alimentadas, mesmo depois da morte. Assim, a proposta desta escrita está na apresentação da paisagem das memórias, no plural, pois compõe não só a minha memória pessoal no processo da observação flutuante, como também diversas outras, desconhecidas e silenciosas. Falo da cidade dos mortos, daqueles que se fazem presentes na ausência. Narro sobre a paisagem do cemitério, lugar da saudade, do místico, do sagrado, do estranhamento ou do fascínio.

No dia quatro de dezembro de 2017, início da tarde, realizei uma observação flutuante no cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, no bairro Fragata em Pelotas/RS, acompanhada de um amigo, Marco Leoni. O dia estava nublado e, em alguns momentos, caía uma garoa fina. A temperatura era abafada e não havia nenhuma brisa. O silêncio era ensurdecedor. A experiência foi dramática no começo, empolgante e instigante no final. A regra mais enfática nos informada pela administração foi: “nada de fotografias”.

Na despedida do percurso, ao chegar no último pavimento e olhar para toda a extensão do cemitério, lembrei das travessias pelos entres: o lado antigo e o lado novo; a ala da elite e a dos pobres; a forma vertical e a forma horizontal; a sensação de medo e de indiferença; o vivo e o morto. O foco está no meio e não na extremidade das dualidades limitantes, como nos indica John Law (2004, p. 62. Tradução minha) “estamos em um

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

mundo onde corpos, organizações ou máquinas são mais que um e menos que muitos. Em um mundo que é mais que um e menos que muitos. Em algum lugar no meio”. Em um impulso desobediente, o registro fotográfico da Figura 1 tenta, mas não consegue comunicar toda a potência experienciada por este corpo de pensamento inquieto.

O título “Não é cova grande, é cova medida” da obra *Morte e vida Severina* [1955]/(2007) – que depois foi musicada, em tom cerimonial, por Chico Buarque em *Funeral de um lavrador* (1965) –, anuncia a segregação e o controle da morte. Neste ponto, o tema sofreu influências do recente enfrentamento à pandemia da Covid-19, somado aos debates sobre a necropolítica do filósofo e historiador camaronês Achilles Mbembe (2018).

Este ensaio é uma travessia entre tempos e lugares. A observação flutuante ocorreu em 2017 na cidade de Pelotas. Porém, foi em 2021, na cidade do Rio de Janeiro, que esse registro retornou com outra força e forma. Considero o distanciamento temporal e espacial como um instrumento de pesquisa potente, embora incomum e, em muitos casos, improvável, dada a estrutura acadêmica com prazos rígidos estabelecidos. Mas foi por meio desse distanciamento que a experiência corpórea adquiriu outras interferências, atualizadas e influenciadas por contextos inusitados.

A composição do ensaio é formada por camadas sobrepostas, mas independentes. Dessa forma, o leitor pode escolher por qual caminho deseja percorrer e obter assim diferentes percepções do mesmo texto. A camada “Precedentes” explica a trajetória da escrita, contextualiza tempo, espaço e corpo. “Caráter da paisagem” é a camada que se aproxima do território de estudo, narrando sobre a cidade gaúcha de Pelotas e o cemitério, com foco nos elementos e dinâmicas urbanas. Outra camada é a “Observação flutuante”, registro da experiência, escrita datada e delirante. “A saída pelo meio: Paisagem da memória e a necropolítica” compõe a camada referente a uma releitura da experiência corpórea e a inserção de outros conceitos contemporâneos decoloniais. Por fim, esta escrita ressalta a importância da pesquisa e da escrita que foge, ou ao menos tenta romper, com as normativas totalitárias, na medida em que fortalece as investigações por caminhos do meio, realizando associações múltiplas e heterogêneas.

### Precedentes

No ano de 2017, participei das disciplinas do curso de Mestrado acadêmico em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPel), incluindo a disciplina de “Antropologia urbana” oferecida pelo curso de Antropologia da mesma universidade. Sob a orientação da professora responsável, Cláudia Turra Magni, tivemos a oportunidade de participar de debates teóricos e experiências etnográficas na cidade, realizando leituras “de perto e de dentro” com o objetivo de nos aproximar das dinâmicas e fluxos urbanos através do nosso próprio corpo. Uma das atividades propostas foi a observação flutuante no cemitério da cidade, embora os estudantes tivessem a opção de escolher outro local caso se sentissem desconfortáveis ou houvesse outra impossibilidade.

A escolha pelo cemitério estava relacionada aos estudos da antropóloga francesa Colette Pétonnet [1982]/(2008), não apenas pelo seu exemplo etnográfico no cemitério Père-Lachaise, em Paris, mas também pela compreensão de que a paisagem do cemitério é parte integrante do contexto urbano e pressupõe a existência de certos comportamentos da sociedade nesse ambiente, indicativos de respeito à memória. Atitudes como o silêncio, a não fotografia ou toque nos túmulos, não correr ou realizar movimentos bruscos e o uso de vestimentas apropriadas são exemplos desses padrões

éticos e estéticos requeridos, alguns deles implícitos e outros explícitos nas diretrizes do próprio local. É justamente devido a essa densidade e complexidade de interseções que o cemitério se torna um lugar interessante para a imersão da observação flutuante, ou seja, uma observação que se torna fluída, desatenta, disponível e liberada desses padrões, permitindo-se abrir para o inesperado e o não-convencional. Essa prática observa as brechas que escapam do planejamento urbano tradicional e se concentra no cotidiano, nas microações muitas vezes ocultas e apagadas. De acordo com a antropóloga, o método da observação flutuante:

consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes (PÉTONNET, 2008, p. 102).

Regras subjacentes remetem à subversão, ao subterrâneo, à desobediência. Quer dizer, flutuar é um movimento de desprendimento de imposições pré-estabelecidas, abrindo espaço para outras interferências desconhecidas, que fazem parte e ativam os dispositivos urbanos. Através da observação flutuante no cemitério em Pelotas, foi possível incluir como registro pensamentos desviantes, delírios, opiniões, animais, cores, cheiros, texturas, croquis e mapas. A regra é não ter regra. Os limites do corpo direcionam a escrita e desvendam particularidades de uma urbe singular.

O registro e a reverberação dessa experiência aconteceram em quatro momentos temporais: (a) antes da observação flutuante [setembro a início de dezembro de 2017]; (b) durante a experiência no cemitério [04 de dezembro de 2017]; (c) no curto prazo após a experiência [final de dezembro de 2017]; e (d) no longo prazo após a experiência [junho de 2021]. O fio condutor de toda essa narrativa emaranhada está no ato da observação flutuante, o antes, o durante e o após, em dois tempos. O antes se insere na disciplina de Antropologia urbana, nos debates em aula e no contato com diversos autores sobre o tema da práxis urbana. Durante a observação flutuante, o registro aconteceu em um pequeno diário de campo, anotações de palavras e croquis. O depois, em curto prazo, refere-se à digestão e formulação das ideias e sensações experienciadas, gerando como produto o texto descritivo e delirante do processo. E, após 4 anos do fato, a revisita ao texto que nunca foi divulgado – exceto para a leitura da professora da disciplina –, escrita que estava guardada em uma nuvem virtual, juntamente com outros tantos arquivos. A reativação foi motivada por outro propósito e por outro contexto, que serão enunciados a partir de agora.

No ano de 2021, ingressei no curso de Doutorado acadêmico em Arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ), no qual este primeiro ano foi dedicado à participação nas disciplinas, incluindo a disciplina de “Arquitetura da Paisagem”, sob a orientação da professora Vera Regina Tângari e do professor Alex Assunção Lamounier. Neste período, ainda estávamos confinados em casa, devido às recomendações e diretrizes da Organização Mundial da Saúde para evitar o contágio e a proliferação da Covid-19. Embora não estivesse residindo na cidade do Rio de Janeiro, todas as discussões e debates online emergiram dessa localidade, influenciando na trajetória da pesquisa. A disciplina utilizou a lente da morfologia urbana para refletir sobre as transformações da paisagem, abordando as dinâmicas, os fluxos e as apropriações urbanas.

Um dos exercícios propostos na disciplina foi o da Paisagem da memória, que consistia em realizar uma investigação sobre uma paisagem já conhecida pelo corpo e que, de alguma forma, ainda permanece latente na lembrança. Ou seja, foi necessário reativar

memórias de um tempo anterior sobre uma paisagem que ainda provoca reflexões, a fim de abrir-se para outras perspectivas de análise, considerando que, nesse período, a experiência na cidade estava restrita por questões de saúde. O exercício solicitava a abordagem de aspectos relacionados ao caráter da paisagem (suporte físico, padrões de ocupação e dinâmicas urbanas), a construção de imaginários (limites, fronteiras e infiltrações) e lições sobre paisagem e atmosfera (camadas, derivas, rizomas e jogos). Essa atividade teve como base teórica os trabalhos de Alex Lamounier e Vera Tângari (2014) e de Vera Tângari (2020). Foi a partir dessa proposta que resgatei a experiência no cemitério em 2017, fortemente influenciada pelas cicatrizes psíquicas cultivadas durante o período pandêmico, momento em que o número de mortes diárias era tão grande que vivenciamos desde a banalização da morte até o questionamento de quais corpos podem ou não morrer.

O resgate da observação flutuante no ano de 2021 se configura quase como um manifesto, podendo ser lido como um incômodo, um grito que por muito tempo estava abafado diante de tamanha dor e angústia vivenciadas nos anos de pandemia, principalmente no Brasil. De acordo com o último relatório do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass), de março de 2023, totalizamos 699.634 mortes no Brasil pela Covid-19. Repito, são seiscentos e noventa e nove mil seiscentos e trinta e quatro pessoas mortas. O impacto desse número exorbitante não consegue transmitir toda a emoção que atropela a rede familiar mais íntima. No entanto, ao observar minuciosamente esse número, encontramos nomes, gêneros, idades, raças, regiões do país, histórias de vida e até mesmo o tamanho da cova. É por isso que a observação flutuante no cemitério foi a Paisagem da memória escolhida, um momento propício para desenvolver o tema e sobrepor conceitos e argumentações que remetem a um outro tempo replicado em outras paisagens.

Por último, ainda é necessário mencionar a condição do corpo, que atravessa e é atravessado pela multiplicidade de fenômenos e atores. São experiências de um corpo em movimento, que caminha e toca a cidade, no caso o cemitério, e de um corpo estático, que lê, escreve e pensa em silêncio, como na produção deste ensaio. “Somos o corpo; e é através desse corpo que somos que experimentamos o mundo e abrimos espaço para o pensamento” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 57). Ou seja, é a partir do contato efetivo com a cidade que as ideias são criadas. O corpo, assim como a pele que o envolve, é poroso e propicia trocas constantes com os lugares que habitamos. A professora Paola Jacques (2008) denominou de *corpografia* a experiência da memória urbana inscrita no corpo.

A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de *corpografia urbana*. A *corpografia* é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí *corpografia*), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente (JACQUES, 2008, s/p).

O corpo conserva experiências temporais que geralmente são rememoradas por algum estímulo, sejam eles provenientes de vivências positivas ou negativas. São temporalidades inscritas no corpo, que ganham significado e ressurgem diante das mortes causadas pela Covid-19, lembrando a observação flutuante no cemitério de Pelotas. O tempo é outro, mas o corpo ainda é o mesmo, e a paisagem da memória perdura. A escrita dessa *corpografia* é influenciada pela caracterização política do corpo, no caso, o corpo mulher-jovem-branca-brasileira-arquiteta-pesquisadora. Essas particularidades, por um lado, podem impor limitações, como no caso de ser mulher,

mas, por outro lado, podem conferir privilégios estruturais, como no caso de ser branca. Todos esses detalhes precisam ser explicitados, pois moldam a composição deste mapa escrito e situam as realidades sociais e culturais intrínsecas.

### Caráter da paisagem

A cidade gaúcha de Pelotas, conhecida como a Princesa do Sul ou carinhosamente chamada de Satolep pelo músico e compositor local Vitor Ramil, possui uma história de 210 anos que pode ser compreendida através dos vestígios do casario eclético em seu centro histórico, assim como nas antigas fábricas de charque localizadas no porto da cidade. Essa história remonta a um passado de riquezas provenientes da produção e exportação de carne seca, em uma cidade habitada por barões e baronesas cuja riqueza foi construída às custas da exploração do trabalho escravo. Além do charque, Pelotas também é conhecida como a cidade do doce, graças ao antigo comércio realizado com cidades nordestinas, trocando carne por açúcar. Essa mistura de influências culinárias portuguesas e africanas ainda se faz presente nos dias atuais, especialmente na famosa Fenadoce, evento gastronômico e turístico. No entanto, é com essa mistura agridoce que Pelotas convive com a evidente desigualdade social e espacial.

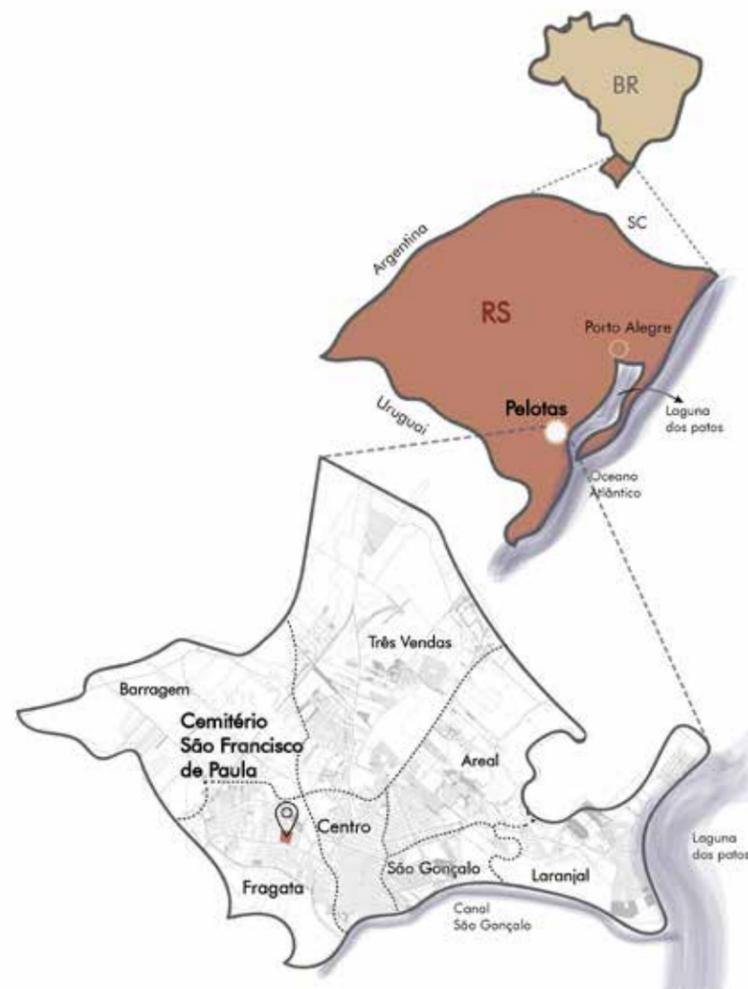
De acordo com o Censo do IBGE de 2010, Pelotas possui uma população de 328.275 habitantes e uma densidade demográfica de 203,89 hab/km<sup>2</sup>. A cidade abrange uma área de 1.609,708 km<sup>2</sup>, sendo que 34,4% dessa área é urbanizada e 84,6% é composta por áreas arborizadas (IBGE, 2010). Pelotas está localizada no bioma pampa, caracterizado por um relevo pouco acidentado e vegetação composta por plantas herbáceas e arbustos de pequeno porte. A cidade é formada por cinco bacias hidrográficas e é uma planície lagunar, pois está situada às margens da Lagoa dos Patos. Os primeiros anos de ocupação urbana ocorreram na região sul, próxima ao canal São Gonçalo, e ao longo do tempo a cidade expandiu-se horizontalmente em direção ao norte, oeste e, mais recentemente, leste (Figura 2).

Durante meus percursos pela cidade de Pelotas, fui envolvida por paisagens convidativas, seja nas estações mais quentes ou no rigoroso inverno. A composição do pampa proporcionou uma paleta de cores deslumbrante. No inverno, o vento é cortante, mas no verão é refrescante. O cheiro de vegetação e de erva-mate me acompanhava ao longo dos trajetos. No entanto, também existem paisagens marcadas pelo medo, insegurança, abandono e desigualdade, principalmente nas periferias da cidade, onde o contraste é gritante. Testemunhei famílias em situação de vulnerabilidade social cercadas por entulho, lixo e esgoto. Presenciei a especulação imobiliária atual promovendo um urbanismo excludente, com cercas de concreto e, em alguns casos, barreiras invisíveis protegidas por discursos contraditórios. Pelotas é uma paisagem em conflito.

Uma outra maneira de compreender a cidade está nas letras das canções de dois músicos de Pelotas: Vitor Ramil, que transita pela MPB e pela milonga, e Jair Brown, que representa o rap. A forma como essas melodias retratam a cidade revela realidades paralelas entre aqueles que vivem no centro e aqueles que vivem na periferia.

Só, caminho pelas ruas/ Como quem repete um mantra/ O vento encharca os olhos/ O frio me traz alegria/ Faço um filme da cidade/ Sob a lente do meu olho verde/ Nada escapa da minha visão/ Muito antes das charqueadas/ Da invasão de Zeca Netto/ Eu existo em Satolep/ E nela serei pra sempre (RAMIL, Satolep, 1984).

Figura 2 - Mapa esquemático referente a localização da cidade de Pelotas/RS e indicação do cemitério Ecumênico São Francisco de Paula. Fonte: da autora, 2021.



Ninguém se importa aqui, gritos não ouvi, várias vilas são assim, te apresento o ruim, tempo escuro, sombrio, Vila Castilho, Bairro Dunas, Bom Jesus. A luz se apaga para muitos [...] escolas pra que? Cotidiano cruel, vários vão pro céu [...] Pânico: na periferia, o nosso dia a dia nos reserva correria/ São poucas melhorias, repara! (BROWN, Cotidiano Violento, 2012).

Existe um lugar - entre o centro e a periferia - onde esses corpos vão se encontrar em determinado momento, independentemente de gênero, raça ou classe social. O destino é um só: o cemitério. No entanto, mesmo ocupando uma porção territorial menor, as assimetrias persistem. As diferenças são explícitas na causa da morte e também no tamanho e valor da cova.

Chego ao objeto de estudo: o cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, localizado no bairro Fragata, a cinco quilômetros do centro da cidade de Pelotas/RS. A entrada principal do cemitério está na importante avenida Duque de Caxias. Conforme representado no corte (Figura 4), esta ampla avenida possui três faixas de trânsito em cada sentido, além de um canteiro central que abriga pedestres, ciclistas e também comércios efêmeros, especialmente floriculturas. A exuberante e densa arborização é o destaque da avenida, com o cemitério sendo o edifício mais alto na primeira porção dessa via arterial. A maior parte desse território é de uso misto, com predominância de residências de média e baixa renda. Na rua de saibro nos arredores do cemitério, existem algumas ocupações habitadas por pessoas em situação de vulnerabilidade social. A construção do cemitério teve início em 1885, influenciada pela epidemia de cólera da época, que levou à transferência do cemitério do centro da cidade para este



Figura 3 - Mapa da vista aérea do entorno do cemitério Ecumênico São Francisco de Paula em Pelotas/RS. Fonte: Fotografia aérea Google Earth. Edição da autora, 2021 Figura 4 - Corte esquemático da Avenida Duque de Caxias em Pelotas/RS. Fonte: da autora, 2021.

bairro. No mapa da Figura 03, é possível observar que o terreno não apresenta uma topografia muito acidentada, mas exibe uma clara demarcação de tipologias.

O cemitério é considerado um lugar que guarda e produz memórias. Seria o cemitério o reflexo da diversidade urbana em uma escala diferente? Como funciona o zoneamento da cidade dos mortos? Essas questões são melhor detalhadas na dissertação de Anderson Aires (2018), na qual ele faz uma investigação histórica e crítica sobre a cidade cemiterial em Pelotas/RS. O autor consegue comprovar, por meio de análises urbanas e arquitetônicas, que o cemitério da Santa Casa de Misericórdia (atual cemitério Ecumênico São Francisco de Paula) simula a configuração da cidade de Pelotas. A malha urbana composta por ruas e quadras, além das características arquitetônicas dos túmulos e elementos religiosos, se assemelham em grande medida à estrutura da cidade, carregando também questões sociais, políticas e culturais. É uma paisagem estranha, mas também familiar.

De forma um pouco diferente do estudo de Anderson Aires (2018), este ensaio relata a experiência urbana no cemitério, o corpo aberto à aventura, à surpresa e à informalidade. A escrita tenta acompanhar as sensações do corpo e a confusão dos pensamentos. O caráter da paisagem situa o leitor em relação ao contexto, que, de certa forma, impacta e influencia o processo da observação flutuante. No entanto, concordo que, como afirma Lang (citado por Capra, 1995, p. 111), 'qualquer experiência da realidade é indescritível'. No fim, tudo isso não passa de uma ilusão.

## Observação flutuante

### Parte I - contato

Ao adentrar no cemitério, um funcionário questionou minha presença. De início, foi solícito e permitiu a visita. O único pedido foi de não fotografar os túmulos, devido a uma política interna. Combinei com Marco de nos encontrarmos dentro do cemitério. Cheguei primeiro e sentei em um banco na lateral esquerda, próximo à administração, aguardando sua chegada. Durante esse tempo de espera, reinava o silêncio. Uma cadelinha começou a caminhar em minha direção lentamente, com a cabeça baixa e o rabo abanando, como que em um gesto de cortesia. Acariciei-a e fiquei imaginando que, naquele momento e naquela cena, éramos os únicos seres vivos rodeados por inúmeros mortos.

Passados cinco minutos, uma garoa fina começou a cair e um vento repentino tomou conta do lugar. A cadelinha se afastou e eu fiz o mesmo. Sentei no banco da entrada, de frente para o portal. Agora, o vento era menos intenso e a garoa havia parado, mas uma sensação de vigilância tomou conta da situação. Por instantes, imaginei muitos olhos me observando, tanto dos vivos como dos mortos. No entanto, os vivos eram mais indiscretos, cochichavam entre si enquanto me olhavam, eu ali sozinha em um dia de pouco movimento. Por outro lado, os mortos eram mais discretos, limitando-se ao movimento suave ou agitado da brisa. Ao menos, faziam-se presentes em minha imaginação e delírio

### Parte II – edifício

Marco chegou um pouco ofegante e explicou o motivo do atraso: havia se perdido no trajeto da rodoviária até o cemitério, mas depois de dar uma volta a mais no quarteirão, encontrou o caminho. Iniciamos então o percurso optando pelo lado direito. No terceiro passo, outro funcionário perguntou se éramos da faculdade e se tínhamos permissão para estar ali. Respondi sobre as recomendações do primeiro funcionário, mas descobrimos que ele era o porteiro, não o coordenador que autoriza ou não o acesso. Assim, fomos encaminhados à administração para explicar o propósito da visita. O coordenador então concedeu permissão, mas a recomendação foi mais restritiva do que a primeira: não tirar nenhuma foto. Confesso que fiquei um pouco triste com essa restrição, mas acatamos prontamente.

Começamos a dar uma volta pelo “edifício” do cemitério, como eu o apelidei. Eu comentava com Marco que nunca tinha visto um cemitério organizado dessa forma, com sepulturas empilhadas. Nas regiões onde estive antes (interior de Minas Gerais) e nos lugares que visitei, nunca tive uma experiência semelhante. Por outro lado, Marco tinha certo conhecimento de outros lugares organizados dessa maneira, como na cidade em que ele morava, Rio Grande/RS. Ao passar pelos corredores, havia várias caixas com lápides de pedra, fotografias, inscrições e flores (ver croqui na Figura 06). No início, fiquei assustada com a ideia de corpos empilhados, uma sensação de estrangulamento. No entanto, à medida que caminhávamos, minha visão se tornava viciada, homogênea, sem muito interesse ou algum ponto focal. Estava mais curiosa para conhecer o cemitério antigo.

### Parte III – sobrado

Não demoramos muito e já entramos do outro lado; parecia que algo nos puxava - um desejo. Outro portal e a surpresa: estavam empilhados, mas agora no máximo cinco túmulos. Apelidei-os de “sobrados” por serem menores que edifícios, mas ainda assim possuem uma altura considerável (ver croqui na Figura 06). Nesta parte, havia muitos

mosquitos, pequenos no tamanho, mas enormes no incômodo. Talvez a presença deles tenha sido favorecida pelo clima quente e úmido. Isso me causou certa agonia, e me esforcei para abstrai-los.

Em uma segunda-feira, às 14h, em um ambiente vazio, Marco e eu fomos os únicos a percorrer aquela ala. Refleti sobre o relato de Colette no cemitério Parisiense, tão movimentado pelas pessoas que trabalhavam ali ou mesmo pelos visitantes. Era um contraste com a nossa experiência, tão desprovida de pessoas, mas ao mesmo tempo igualmente profunda em significados.

Outro animal manifestou-se; eu não conseguia vê-lo, mas seu som era nítido. Bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi. Agora, estávamos acompanhados de um vigia animal, a cada passo, um assobio, como se estivesse fazendo questão de se apresentar e dizer que estava cuidando de nossas ações. Assim, como não encontramos ninguém que pudesse nos contar sobre alguns relatos, histórias daquele cemitério ou mesmo as fantasias dos mortos, sentimos-nos à vontade para criar nossas próprias histórias.

Vários semblantes estampados nas fotografias começaram a chamar nossa atenção, assim como alguns nomes peculiares. O primeiro nome que ficou marcado foi o de Emuri Irume, que não possuía uma fotografia correspondente. No entanto, o palíndromo em seu nome e sobrenome foi algo instigante e ao mesmo tempo cômico. Surgiram questionamentos: será que o nome da família era Irume, e seus pais decidiram inverter as letras para criar o seu próprio nome? Ou será que era um nome composto, com a intenção de brincar com as palavras? Fiquei alguns minutos pensando nos motivos daquele nome e em quem teria sido aquele senhor ou senhora. Em um misto de indagações e suspense, continuamos a observar outros nomes.

A senhora Maria da Paz tinha um ar de tranquilidade em sua foto, um sorriso discreto e meigo que fazia jus ao seu nome. Caminhamos até o senhor Mestre Kyro, que tinha os seguintes dizeres: Bailarino, coreógrafo e rosa-cruz. Uma linda pedra de mármore cinza se destacava entre as demais, além de ter o símbolo da rosa-cruz esculpido. Sem uma fotografia, imaginei um senhor de oitenta anos (idade do falecimento), com cabelos brancos e uma postura sempre ereta, refletindo seus aprendizados como bailarino.

E foram muitos os devaneios pelos corredores do ‘sobrado’. Passamos pela Zahie, Cléia, Eny, Ataliba, todas bem próximas. Nesse momento, desconfiei que estava em uma seção exclusivamente feminina, mas ao andar um pouco mais, avistei Joraci - talvez tenha sido apenas uma coincidência. Tentei, em vão, encontrar alguma lógica em relação aos anos, gêneros, túmulos mais acima ou mais abaixo, mas não consegui pensar em nada além de uma tabela de preços. Quando estava a caminho do cemitério, tomei um táxi e conversei com o motorista sobre cemitérios. Ele me informou que, há pouco tempo, os preços das gavetas haviam sido ajustados e variavam de forma exorbitante. De forma rápida e simplista, ele resumiu que os espaços mais altos ou nos andares superiores eram os mais caros - ‘tem alguns que custam o preço de uma casa’, disse ele, visivelmente assustado.

Diferente do ‘edifício’, o ‘sobrado’ não possuía nenhuma sinalização indicando o nome dos corredores. Fiquei um pouco confusa e perdida em algumas ocasiões, mas logo percebi que estava andando em círculos ao encontrar algum nome repetido que havia se destacado em outra passagem. No ‘edifício’, a identificação era realmente necessária, pois a padronização exigia outro artifício para o reconhecimento. Por outro lado, o ‘sobrado’ era mais intuitivo. Mesmo que eu me perdesse, não era algo tão desconfortável, talvez devido ao seu tamanho menor ou à presença de pontos de referência mais distintos.

#### **Parte IV – casa: primeiro ato**

Andávamos sem um rumo específico, a ânsia - mesmo que inconsciente - era o fio condutor que nos puxava em direção a cada entrada. Éramos errantes, nômades, observadores. No labirinto dos mortos, o pensamento fluía, atravessava os túmulos e criava imaginários inusitados. Fomos atraídos por outro portal, alinhado por uma cruz de pequenos coqueiros (croqui na Figura 06). Aqui, mesmo que pareça estranho, sentia-me confortável. Túmulos individuais e esculturas incríveis, este é o cemitério que reconheço como tal, desde as histórias de terror até outras experiências pessoais. Nesta ala, nossos passos eram mais lentos, pois os detalhes das esculturas nos obrigavam a olhar atentamente. Apelidei este local de ‘casa’, tanto porque cada túmulo representa uma família quanto porque me senti em casa ao me identificar com o lugar.

No meio do caminho, a chuva chegou repentinamente. O vento estava forte. Tentei alcançar minha sombrinha - amarela reluzente - em vão. O vento não permitia nem mesmo que ela fosse aberta. Em busca de alguma cobertura próxima, nos aproximamos da ruína de uma capela, porém ela não tinha mais telhado. Fomos obrigados a sair dali e seguir em direção à entrada. A passos largos, quase chegando ao abrigo desejado, a chuva simplesmente parou, e um raio de sol tocou nossa pele. Parecia que aqueles túmulos e esculturas não gostaram da nossa presença e encontraram uma maneira de nos afastar. Delírios. Justamente aquele lugar que tinha sido tão tocante para mim tornou-se resistente. De certa forma, aquilo que resiste é potente. Assim, seguimos para outro lado, com a certeza de que ainda voltaríamos, sabendo que algo inusitado ainda estava por acontecer na ‘casa’.

#### **Parte V – ermo**

Quase expulsos da ‘casa’, seguimos em frente, desbravando o cemitério. Chegamos a um lugar estagnado, com a sensação de atravessar séculos. Deparei-me com um grande campo não pavimentado, com túmulos individuais assentados sobre saibro, cercado por um mato expansivo. Era uma ideia de abandono, esquecimento, descuido e desprezo - apelidei-o de ‘ermo’. A tipologia desses túmulos era simples, alguns mais negligenciados que outros, mas todos amontoados em um matagal aparentemente interminável (croqui na Figura 06). Se no ‘edifício’ os mortos eram empilhados verticalmente, aqui eles estavam grudados horizontalmente. Percorremos apenas a via principal e a borda do canal, áreas mais amplas e com menos vegetação, proporcionando uma sensação de maior segurança e menos letargia.

O que despertou interesse aqui foi observar os anos de falecimento. O mais antigo que encontramos foi de 1649. Seria possível? Isso gerou dúvidas, espanto e inquietação. Refleti sobre as inúmeras gerações que aquele túmulo já testemunhou e que continuam resistindo, contando-nos sua história - o resquício.

Marco ficou interessado no canal que transportava a água pluvial, e decidimos segui-lo até a primeira curva. Fez-me lembrar uma trincheira sinuosa, embora não houvesse guerra, exceto a luta diária dos vivos pela sobrevivência - não a morte. Continuando mais adiante, onde o mato era alto, avistamos uma cruz enorme e sinais de muitas velas derretidas. A cruz ficava em frente a um pequeno cercado de concreto, com a inscrição ‘Mansão dos pobres’. Dentro, havia apenas alguns túmulos simples empilhados em três níveis. Percebemos que aquela cruz era um local de oferendas, com muitos objetos aparentemente ‘recentes’ colocados aos pés dela. Dali, avistamos uma trilha e muita vegetação, mas não achamos conveniente seguir a trilha e voltamos ao ponto inicial.

#### **Parte VI – alemães**

Chegamos à linha final, à ala dos alemães, que também não era pavimentada. No entanto, notava-se um maior cuidado em comparação com o lugar de onde vínhamos. A proporção bem menor permitia que nossos olhos abarcassem quase todos os túmulos. A grandiosidade e a arrogância de alguns contrastavam com a simplicidade e o afeto de outros (croqui na Figura 06). Alguns sinais de arrombamento indicavam que os vivos buscavam sua materialidade, enquanto os mortos a abandonavam.

Mesmo sem pavimentação, a demarcação do meio-fio de concreto delineava as quadras, algumas mais cheias do que outras. Curiosamente, as mais simples tinham uma característica em comum: uma espécie de tronco de árvore retorcido e cortado ao meio. O material era concreto, mas imitava as ranhuras da madeira. Não entendi muito bem o significado, mas à distância parecia um vaso com um suporte de raiz. Talvez seja uma metáfora do ser humano - uma árvore que nasce, floresce, se reproduz e morre.

#### **Parte VII – senhor João**

Não demoramos muito na área dos alemães. Marco pediu para encontrarmos um lugar para descansar, organizar nossos pensamentos e escrever alguns relatos antes que a memória falhasse. Decidimos sentar em um dos degraus do ‘sobrado’. Para isso, atravessamos a rua principal do ‘ermo’ e observamos um homem, o primeiro que tínhamos visto até então naquele lugar. Parecia ser algum funcionário, mas estava longe demais para iniciar uma conversa. Sentamos em um dos degraus e, em silêncio, transformamos as palavras soltas em frases concretas através da escrita. Infelizmente, não conseguimos ficar muito tempo parados ali, pois os mosquitos nos atacavam implacavelmente. A ala do sobrado era a mais visitada por eles, talvez devido às poças de água ou a um ponto de calor que se formava naqueles corredores.

Decidimos voltar para o portal de entrada do cemitério antigo, onde havia cobertura, bancos e uma pausa visual. Sentamos e encontramos o senhor João apoiado em um dos grandes portões, nos observando com curiosidade. Iniciei uma conversa com ele. Ele nos contou, pausadamente, que trabalhava como coveiro há pouco tempo. No entanto, nesse curto período, já presenciara fatos interessantes. Conversamos por cerca de quinze minutos, e o que mais me chamou a atenção foi quando ele descreveu a retirada dos ossos para o ossuário quando a família não pagava mais as taxas de manutenção. Segundo ele, há alguns mortos que, após três anos no túmulo, ao abrir, encontram apenas os ossos, mas há outros que, passados vinte anos, ainda se mantêm quase intactos. De acordo com o senhor João, alguns acreditam que as pessoas que tomaram muitos antibióticos se conservam melhor do que outras, além da influência do local onde estão enterradas. De certa forma, fiquei chocada com essa história, com a frieza, ou melhor, com a maturidade necessária para realizar essa tarefa difícil. João falava calmamente, gostava de ser questionado, mas não nos fez perguntas.

Nos despedimos do senhor João, que voltou para sua posição inicial, apoiado no portal. Ainda sentados, tomando notas de todas as informações, três pessoas passaram por nós apressadamente. Era um casal jovem e uma senhora. O homem nos cumprimentou e seguiu para o lado direito do sobrado, segurando um punhado de flores artificiais. Por um instinto curioso, tive vontade de segui-los, mas Marco pediu cautela e discrição. Optamos, então, por ir pelo lado esquerdo e dobrar à direita. Caminhávamos devagar, quase na borda do cemitério, e conseguimos avistar essas pessoas enquanto colocavam as flores em um gesto de oração. Continuamos um pouco mais e depois as perdemos de vista.



### Parte VIII – casa: segundo ato

Não podíamos sair do cemitério sem voltar à ‘casa’. Embora Marco não tenha expressado diretamente, parecia que ele também pensava o mesmo. Retornamos à ‘casa’ e novamente a primeira escultura capturou minha atenção. Parecia ser uma representação de Maria segurando um cálice. Os detalhes da escultura me encantaram, até que Marco pediu para eu me posicionar logo abaixo da santa. Senti um arrepio, ainda sinto aquele olhar até agora. Naquela posição, quando ergui meus olhos para cima, vi Maria olhando para mim com um olhar piedoso e sofrido. Fiquei fascinada.

Continuei caminhando por ali, a chuva já não era mais um empecilho. Vi de longe as três pessoas que mencionei anteriormente, prestando homenagens a outro túmulo. Mantivemos nossa distância, observei por um momento e depois retomei o caminho que estava seguindo. Ao olhá-los novamente, já estavam de costas, indo embora. Fui caminhando lentamente até o local onde estavam e, para minha surpresa, haviam acendido uma vela para o túmulo de uma cigana. O túmulo estava repleto de oferendas e placas de agradecimento pelas bênçãos recebidas. Senti uma energia poderosa naquele momento e tive vontade de tocar, para tentar capturar aquela harmonia. No entanto, decidi continuar.

No interior das quadras, avistamos vários túmulos depredados e quebrados. Um deles chamou bastante atenção. Eu queria espiar pela fresta aberta para ver o que havia lá dentro, mas não tive coragem. No entanto, Marco foi verificar e me incentivou a olhar também. Eram ossos. Não me senti bem ao vê-los, nem olhei por mais um segundo sequer. Saí rapidamente dali, como se estivesse fugindo da cena. E, logo em seguida,



um pássaro passou voando bem ao meu lado, fazendo um barulho estrondoso. Fiquei arrepiada. Foi um grande susto silencioso.

Depois do susto, observei duas esculturas de Jesus, cujos dedos de uma das mãos estavam cortados de forma linear. Não sei a razão, mas fiquei ali por um bom tempo observando. Será que alguém cortou de propósito? Será que a escultura é articulada em partes geométricas? Ou será que os pássaros sempre pousam nas extremidades e, com o tempo, acabaram causando o dano? Quando percebi, estava delirando.

Minha conexão com esse fato foi tão marcante que decidi arriscar tirar uma foto. Confesso que isso foi um ato de transgressão, uma quebra de regra. Não consegui me conter, era importante demais para ser guardado apenas na minha memória fugaz. Eu gostaria de poder observá-la inúmeras vezes, mesmo que fosse apenas por meio de uma fotografia. Eis o registro (Figura 5).

O dia estava nublado, com raios de sol e garoa competindo por espaço. O mais surpreendente é que essa foto, mesmo tendo sido tirada rapidamente com um celular, sem qualquer edição, se destacou. É possível notar uma aura ao redor da silhueta, como se a nuvem ao fundo estivesse destacando a escultura. E os dedos cortados são tão perfeitos que parecem ter sido feitos no Photoshop.

## Parte IX – despedida

Depois de três horas de caminhada, Marco sugeriu que voltássemos ao prédio e explorássemos o último andar. Observamos como a circulação vertical era confusa, com rampas acessíveis de um lado, um canto com escadas e até mesmo um ponto para elevador. Normalmente, devido à demanda, as construções crescem de forma expansiva e as circulações seguem o seu desenho.

Ficou evidente que tivemos percepções distintas daquele lugar. O edifício não me abalou emocionalmente, eu não sentia medo, apenas indiferença. Para mim, o cemitério era o lugar de onde viemos, não o lugar onde estávamos. No entanto, para Marco, o terror estava presente nos corredores do edifício. Ele se sentia seguro e confortável no lado antigo, mas no prédio era uma passagem difícil e aterrorizante.

Ao chegarmos ao último andar e olharmos para a extensão completa do cemitério, relembramos nossa caminhada daquele dia. E então foi a vez de Marco sentir a vontade de registrar o momento em uma fotografia. Através da janela formada pelos dois pilares, ele capturou a vista do fim do dia. E nessa foto, eu estava lá como um ser vivo anestesiado e flutuante (Figura 1).

Após tirar essa fotografia, começamos a descer por uma rampa longa. Fiquei pensando sobre como aquele lugar parecia militarizado, segregado, organizado e imposto. O futuro estava refletido naquela construção, em prol da economia de espaço e do aumento da demanda. A intenção era construir cada vez mais edifícios e reduzir a quantidade de túmulos espontâneos. Nos despedimos daquele lugar, agradecendo ao coordenador do cemitério e levando conosco vários pensamentos inquietantes.

### A saída pelo meio: paisagem, da memória e a necropolítica

A costura de tempos e atores tem como protagonista a morte, que é comum a todos os seres vivos. No entanto, a antecipação ou a naturalização de algumas mortes é a crítica que persiste. A recente pandemia da Covid-19 nos mostrou que o vírus não distingue corpos, mas existem corpos de diferentes cores e classes que são mais vulneráveis e menos notáveis. Em 1944, Portinari retratou a morte na miséria do sertão brasileiro (obra “Criança morta”, que faz parte da série “Os Retirantes”), e em 2020, vimos a abertura de inúmeras covas (como no Cemitério Vila Formosa, em São Paulo/SP). Por trás da fome e da pandemia, há a mesma política da morte - a necropolítica.

A política de morte (necropolítica), conceituada pelo filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe (2018), refere-se à soberania e ao poder de decidir quais corpos devem viver e quais devem morrer. “A política é, portanto, a morte que dá vida a uma vida humana” (Mbembe, 2018, p.12-13). Inspirado nos estudos de Foucault, Mbembe argumenta que os conceitos de biopoder, soberania e estado de exceção não são suficientes para explicar tamanha crueldade e violência na contemporaneidade, especialmente no contexto da escravidão, colonialidade e negritude. O Estado, que deveria ser a estrutura que garante direitos de igualdade e liberdade coletiva, acaba promovendo o contrário, criando “zonas de morte”. Esse discurso, baseado em uma estrutura racista, define quem são os “inimigos” (fictícios) do Estado e justifica sua destruição em nome da “segurança”. Em outras palavras, o próprio Estado cria um cenário de medo e insegurança para justificar a eliminação de um determinado grupo, que possui cor e endereço bem específicos (Mbembe, 2018).

O filósofo camaronês exemplificou em seu trabalho os conflitos na Palestina e em localidades na África, mas o conceito pode ser aplicado em diversas situações, inclusive no enfrentamento à pandemia da Covid-19. O vírus, de fato, não tem preferência por corpos específicos, mas alguns são mais vulneráveis e propensos à morte. Se observarmos as recomendações para o combate ao vírus, como a campanha de “fique em casa”, a higiene constante das mãos e a redução do contato social, veremos que essas medidas são insuficientes para certos grupos. Famílias que não têm acesso ao saneamento básico, que não possuem moradia adequada ou cuja subsistência depende do trabalho externo com contato pessoal, ficam expostas ao risco de contaminação. Além disso, essas pessoas têm acesso precário a serviços de saúde e medicamentos, o que agrava ainda mais suas condições de sobrevivência. A desigualdade social, até certo ponto, promove a necropolítica.

Bem antes de dar nome a essa política de morte, o pernambucano João Cabral de Melo Neto, em 1954, escreveu a obra “Morte e Vida Severina: e outros poemas” sobre essa violência, no caso, no sertão nordestino. O protagonista, Severino, representa uma multidão de homens e mulheres que são retirantes, ou seja, que saem de sua cidade natal, no interior do sertão, e vão em direção ao litoral e às grandes cidades em busca de melhores condições de vida – visto que a aridez do sertão e as poucas oportunidades de trabalho escancaram a miséria. Entretanto, essa viagem é árdua e demonstra que o verdadeiro protagonista é a morte.

Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina (aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira) (MELO NETO, 2007, p. 86).

O trecho da obra que foi musicado por Chico Buarque em “Funeral de um lavrador” (1965) relata o enterro de um lavrador que sempre lutou por um pedaço de terra, a terra que é a base da produtividade e, conseqüentemente, a saída da miséria e da fome. No entanto, as condições de trabalho que os latifundiários impunham só aceleravam a morte dos retirantes, que, ao final de contas, a tão sonhada terra serviria de cova para seus corpos. “E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia” (MELO NETO, 2007, p. 03). Retrato da necropolítica do sertão. “Não é cova grande, é cova medida” (MELO NETO, 2007, p. 93), a medida aqui é suficiente para cobrir um corpo frágil, magro e doente. A medida não é proporcional ao sonho dos retirantes, mas sim ao tamanho da inferioridade moral do ser humano.

E, entre tantos Severinos, há também outros tantos João e Osmair, coveiros. João foi o coveiro que encontrei no cemitério de Pelotas, senhor com semblante sereno, que relatou sobre a decomposição dos cadáveres. Já Osmair, além de coveiro, é filósofo, morador da capital paulista, que contou em uma entrevista à revista Piauí sobre o drama vivido nos anos pandêmicos: “[...] levo comigo um mote da filosofia kantiana: a minha liberdade está no cumprimento do meu dever. Sou sepultador, eu tenho de sepultar. Não há mais nada que possa ser feito” (CÂNDIDO, 2021, s/p). Osmair é um homem negro que não só lida com a morte todos os dias, mas que na época da pandemia acreditava que sua morte era a próxima, uma vez que seu trabalho apresentava ainda mais risco de contaminação. Momentos traumáticos.

A morte é um acontecimento biológico, natural, mas, como afirma o coveiro Osmair, “ninguém se habitua à morte. A morte é seca, quase impenetrável. E a gente não conversa sobre ela” (CÂNDIDO, 2021, s/p). Mesmo o retirante Severino, ao vivenciar

tantos cenários de morte, entende que a persistência da vida é a única atitude para combater a morte. Na pandemia, o número de mortes por dia era tão assustador que, em um ato de defesa inconsciente, começamos a ler apenas números para amenizar a dor.

Todo esse emaranhado de referências de tempos e lugares distintos se encontra na paisagem da memória, simbolizada aqui pela observação flutuante no cemitério em Pelotas e reativada por atravessamentos de conceitos, poesia, música e experiências traumáticas contemporâneas. Ou seja, a paisagem da memória, embora reforce os laços com experiências do passado (paisagem estática), também pode ser um instrumento de crítica e realimentação de fatos presentes (paisagem dinâmica). Imagens, cheiros e texturas do presente estimulam as memórias do passado e promovem costuras inusitadas. A revisitação da memória da experiência não é mais a mesma, ganhou outro corpo e outros questionamentos. A setorização em edifício, sobrado e casa na observação flutuante no cemitério em Pelotas, que naquele período talvez tenha sido apenas um modo de se localizar no percurso, hoje ganha outro contorno e explicação no cruzamento com o conceito de necropolítica.

Como enunciado pelo subtítulo, a saída também se dá pelo meio, ou seja, os questionamentos continuam em uma rede complexa de agenciamentos constantes, sem um fim vislumbrado. Todavia, a proposta deste trabalho permitiu a elaboração de algumas considerações sobre o processo da escrita, que podem servir de guia/auxílio para outros pesquisadores interessados:

- I. **Escrita experiencial e situada:** uma escrita que evidencia o corpo e a subjetividade em um processo de experimentação localizada. Essa escrita substitui a estrutura tradicional dos artigos científicos (introdução, metodologia, desenvolvimento, resultados e conclusão), frequentemente relatada em terceira pessoa, desvinculando o pesquisador e o objeto de estudo. A escrita experiencial e situada, em primeira pessoa, não segue uma estrutura pré-determinada, uma vez que é no próprio percurso, no encontro de todos os atores na rede, que uma outra forma de comunicação e divulgação da pesquisa se apresenta. Este artigo é um exemplo de linguagem que convida o leitor a se aventurar junto, a compreender quem fala e de onde se fala;
- II. **Escrita anacrônica:** ao bagunçar a lógica cronológica, a escrita anacrônica provoca efeitos interessantes ao trazer fenômenos, fatos e acontecimentos deslocados de sua origem temporal. De fato, a inserção da observação flutuante no cemitério em Pelotas no contexto da pandemia de Covid-19 e inserida no universo literário brasileiro adquiriu outras camadas e formas de apreensão, como a inserção de uma crítica social e política;
- III. **Atravessamento entre procedimentos metodológicos:** a combinação de diferentes meios, técnicas e instrumentos em uma pesquisa fortalece a argumentação e possibilita outras linhas de investigação. A transdisciplinaridade é peça-chave para seguir esse caminho. No caso deste artigo, a observação flutuante foi atravessada pela música, literatura, morfologia, croquis, fotografias, noticiários, dados estatísticos, entre outros. Toda essa rede associativa contribui para uma discussão descentralizada e aberta. Foi por meio do hibridismo entre métodos e técnicas que a escrita experiencial, situada e anacrônica se tornou possível;
- IV. **Inscrições possíveis da paisagem:** o processo de escrita envolve a inscrição em sentido duplo, tanto no ato de marcar o papel descrevendo e compartilhando os pensamentos, quanto no ato de marcar o corpo do pesquisador com tal experiência. E, ao se tratar de paisagem, as afetações são de múltiplas ordens. Toda vez que falo ou escrevo sobre uma determinada paisagem, sou tanto um ator quanto um observador. Esse sentido duplo às

vezes pode ser suprimido, dando ênfase a apenas uma das partes, mas na prática ambos estão presentes e ativos. O alerta aqui é para a consciência dessa coexistência no ato da escrita, um lembrete de que a sensibilidade do corpo também se expressa.

## Agradecimentos

Agradeço a professora Cláudia Turra Magni (UFPel), Vera Regina Tângari (UFRJ) e Alex Assunção Lamounier (UFF) pelo incentivo à escrita e ao colega Marco Leoni pela aventura. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 | Número do processo 88887.686326/2022-00. E, mais recentemente, com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ/ Doutorado Nota 10) – Número do processo E-26/201.260/2023.

## Referências

- AIRES, Anderson Pires. *A cidade cemiterial: Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1855-1976)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.
- BROWN, Jair. Cotidiano Violento. Canção disponibilizada no ano de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eGs0sjn95-w>. Acesso em: 14 de agosto de 2021.
- CÂNDIDO, Osmair. A história do coveiro filósofo. *Piauí*, 18 jun. 2021. Depoimento. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/historia-do-coveiro-filosofo/>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- CAPRA, Fritjof. *Sabedoria incomum*. Conversas com pessoas notáveis. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. Cultrix: São Paulo, 1995.
- HISSA, C. E. V.; NOGUEIRA, M. L. M. Cidade-corpo. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54–77, 2013.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Características sobre população e território. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em: ago. 2021.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, 2008.
- LAMOUNIER, A. A.; TÂNGARI, V. R. Atmosferas de preferência em regiões periféricas de conflitos e vulnerabilidade socioambiental: O Sistema de Espaços Livres na 'Faixa de Gaza Carioca' – Manguinhos, Rio de Janeiro-RJ. In: *Anais do Colóquio QUAPASEL*. São Paulo: FAUUSP, 2020.
- LAW, John. *After Method: mess in social science research*. London, New York: Taylor & Francis e-Library, 2004.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina: e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PÉTONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*, Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

RAMIL, Vitor. A paixão de V segundo ele próprio. *Satolep*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1984.

TANGARI, V. Critérios de análise aplicados aos espaços livres, à forma e à paisagem urbana: escalas, temporalidades e tipos morfológicos. In: *Anais do Colóquio QUAPASEL*. São Paulo: FAUUSP, 2014.